

O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM MATEMÁTICA: UMA ANÁLISE DA CRIAÇÃO À EXECUÇÃO

PEDAGOGICAL PLANNING IN MATHEMATICS: AN ANALYSIS OF CREATION TO EXECUTION

PLANIFICACIÓN PEDAGÓGICA EN MATEMÁTICAS: UN ANÁLISIS DE LA CREACIÓN A LA EJECUCIÓN

Francisco Vieira dos Santos

Aline Kananda Matias Silva

RESUMO

Por ser dotado de razão o homem é compelido a pensar ou prever suas ações, refletindo sobre as mesmas e podendo transformá-las, planejando-as. Destarte o planejamento é atividade inerente ao ser humano. Para tanto, o presente trabalho tem por objetivo investigar a construção e implementação do planejamento pedagógico em matemática e sua significância para os professores. Nisto os sujeitos da pesquisa constituíram-se de professores e coordenadores de duas escolas municipais de Murici dos Portelas – PI. Como principais fundamentos teóricos autores como Libâneo (1993), Gandin e Cruz (2017) e Vasconcelos (2000) corporificaram os resultados da pesquisa. Objetivando responder ao problema norteador deste estudo.

ABSTRACT

For being endowed with reason, man is compelled to think or predict his actions, reflecting on them and being able to transform them, planning them. Thus, planning is an activity inherent to human beings. To this end, the present work aims to investigate the construction and implementation of pedagogical planning in mathematics and its significance for teachers. In this, the research subjects consisted of teachers and coordinators of two municipal schools in Murici dos Portelas - PI. As main theoretical foundations, authors such as Libâneo (1993), Gandin and Cruz (2017) and Vasconcelos (2000) embodied the research results. Aiming to answer the guiding problem of this study.

RESUMEN

Por estar dotado de razón, el hombre se ve obligado a pensar o predecir sus acciones, reflexionar sobre ellas y ser capaz de transformarlas, planificarlas. Por lo tanto, la planificación es una actividad inherente a los seres humanos. Con este fin, el presente trabajo tiene como objetivo investigar la construcción e implementación de la planificación pedagógica en matemáticas y su importancia para los docentes. En esto, los sujetos de investigación consistieron en maestros y coordinadores de dos escuelas municipales en Murici dos Portelas - PI. Como fundamentos teóricos principales, autores como Libâneo (1993), Gandin y Cruz (2017) y Vasconcelos (2000) incorporaron los resultados de la investigación. Con el objetivo de responder al problema rector de este estudio.

PALAVRAS-CHAVES: Ação docente. Planejamento pedagógico. Significado.

KEYWORDS: Teaching action. Pedagogical planning. Meaning.

PALABRAS CLAVE: Acción docente. Planificación pedagógica. Significado.

INTRODUÇÃO

Atividade inerente à vida do ser humano, o planejamento, mesmo aquele reduzido a um conjunto de pensamentos organizados que antecedem um dado trabalho ou ação, busca intensamente os melhores métodos para que alcance, de forma efetiva, os objetivos propostos. Xavier (2011), orienta que é uma ação humana, visto que “desde o despertar é compelido a pensar, estabelecer e optar por executar, ou não, as ações sobre as quais traçou objetivo”. Concatenando com a definição acima, observa-se a sua perspicácia no universo pedagógico, sendo uma ferramenta para a construção de uma educação cidadã e com equidade.

Nesta apropriação, a escola inicia a reflexão sobre a ação docente, incorporando instrumentos administrativos ao ato pedagógico, aprimorando os processos e contribuindo para uma educação impulsionadora de mudanças. Destarte, “planejar é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meios se pretende agir” (OLIVEIRA, 2007, p.21). No campo matemático, embevecido pelas dificuldades históricas, o planejamento assume um papel fundamental na constituição de aulas significativas.

Partindo do pressuposto, de que toda ação exitosa sucede a um bom planejamento, excele que o tal não deve engessar o dinamismo de uma aula, isto é, não pode posicionar o professor como dono do conhecimento exigindo do aluno a resposta preestabelecida. Tais ações inibem as chances de buscar/criar coisas novas. Nisto o planejamento no ensino da matemática deve proporcionar ao professor e aos alunos um fluxo natural da aula, permitindo intervenções e mudanças, como afirma Libâneo (1994), enfatizando as possibilidades de revisão e readequação no decorrer do processo de ensino.

Foi objetivo deste trabalho, mediante a pesquisa exploratória qualitativa e utilizando-se também da pesquisa bibliográfica, investigar a construção/implementação do planejamento pedagógico em matemática e sua significância para os professores. Assim, cabe o problema norteador: o planejamento pedagógico acontece e é utilizado como é descrito pela ciência e possui significado para os professores?

Observa-se uma resistência natural ao ato de planejar, atrela-se ainda, um desvio entre o pensar e o fazer, reduzindo o momento de reflexão a ação de preencher quadros orientados. Neste panorama a pesquisa descortinou um outro viés do planejamento, que dista do descrito na literatura, sendo construído abraçando períodos longos e sem os planos de aulas. Todavia, foi percebido que há uma significância existente ao ato de planejar, uma vez que os professores o inserem como instrumento eficaz para efetivar as ações através da antecipação.

A consecução do estudo aconteceu a partir sistematização dos dados colhidos por meio de questionário aberto, análise de trabalhos científicos de renomados autores e plataformas digitais que dispunham de conteúdo de interesse para o trabalho. Para tanto, buscou destacar 04 (quatro) pontos: a) o planejamento pedagógico segundo a literatura; b) o planejamento pedagógico: críticas ao modelo atual; c) o planejamento pedagógico realizado nas escolas municipais de ensino fundamental maior do município em questão; e d) considerações finais.

O PLANEJAMENTO ESCOLAR: DAS DEFINIÇÕES AO USO NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Os novos tempos trazem consigo diversos conceitos, propostas e intervenções latentes que figuram métodos inovadores. No âmbito educacional percebe-se novas necessidades convenientes, a exemplo traz-se a luz a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que imprime novos nortes para a educação brasileira. Para tanto, é oportuno o uso eficaz do planejamento escolar, sendo

[...] uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação (LIBANEO, 1994, p. 221).

Para Sobrinho (1994, p. 3) citado por Padilha (2001, p. 30), o planejamento é um:

[...] processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, na busca da melhoria do funcionamento do sistema educacional. Como processo, o planejamento não corre em um momento do ano, mas a cada dia. A realidade educacional é dinâmica. Os problemas, as reivindicações não tem hora nem lugar para se manifestar. Assim decide-se a cada dia, a cada hora.

Nisto, o professor precisa conhecer a realidade onde está inserido, refletindo na previsão das ações a fim de suplantar as dificuldades alcançando os objetivos propostos, como afirma Haydt (2002, p. 94), “planejar é analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados”. Consolidando o descrito, Resende e Mesquita (2013, p. 201), colocam que:

“o professor deve procurar se conscientizar de suas funções, conhecer seu ambiente de trabalho, conhecer seus educandos visando um planejamento de atividades que possam ser realmente aplicadas e que sejam significativas, com objetivos definidos e possibilitando a construção de conhecimentos”.

No contexto educacional o planejamento é um processo organizado, contendo início, meio e fim, então, conforme Libâneo (1994, p. 222), “é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Assim, as etapas claras de um planejamento (estratégico) consubstanciam-se através da elaboração, execução e avaliação.

A partir desta tríade é possível desenvolver as metodologias necessárias e, para verificar o alcance dos objetivos, a avaliação surge como instrumento de verificação. Concatenando com Gandin (1994, p. 115), ao afirmar que “o processo de planejamento inclui o processo de avaliação, sem exagero pode-se

afirmar que o planejamento é um processo de avaliação que se junta a ação para mudar o que não esteja de acordo com o ideal”.

A ação docente tem como ponto de partida o momento de reflexão sobre a prática de ser professor. É o espaço temporal dedicado à previsão racional das atividades pedagógicas, dos recursos necessários e dos métodos para o alcance dos objetivos. Assim, Almeida (2006, p. 45), salienta que “o fazer do professor começa com o planejamento de suas aulas, e o primeiro passo é propor seus objetivos que devem ser valiosos (porque vão colaborar para o desenvolvimento do aluno) e exequíveis (porque passíveis de serem atingidos pelos alunos)”. Elenca-se ainda que “ensinar é um ato intencional e para tal, devem-se considerar todos os fatores que possam auxiliar o processo ensino-aprendizagem” (SEGUNDO, 2007, p. 63).

Não obstante, aporta-se os elementos constituintes de um plano, que o tornarão “efetivamente instrumentos para ação”, contendo em seu arcabouço o viés de “guia de orientação e apresentando uma ordem sequencial, objetividade, coerência e flexibilidade” (LIBÂNEO, 1994, p. 223). Os cinco fundamentos expostos pelo autor corroboram para a criação e implementação de um plano doravante essencial para o desenvolvimento com sucesso da prática docente.

No amplo estudo dentro do campo do planejamento pedagógico científica as suas modalidades interligadas, que para Libâneo (1994, p.221), são: plano da escola, plano de ensino e plano de aulas. Todavia Vasconcellos (1995), insere uma quarta tipologia, o do sistema de educação, sendo “o de maior abrangência (entre os níveis do planejamento na educação escolar), correspondendo ao planejamento que é feito em nível nacional, estadual e municipal”, isto é, a nível macro, incorporando as políticas educacionais”. Incorporando um quinto, Padilha (2001, p. 32) citando MST (1995, p. 11), consolida o planejamento curricular como sendo um processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação pedagógica.

O plano da escola limita-se àquele ambiente, por ser um “documento mais global; expressa orientações gerais que sintetizam, de um lado, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos” (LIBÂNEO, 1994, p. 225). Abaixo deste está o plano de ensino, que enquanto processo “envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, envolvendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos” (FUSARI, 1988, p. 10 *apud* PADILHA, 2012, p. 32).

A instrumentalização dos planos anteriores, e em uma visão micro, acontece no Plano de Aulas, neste é pensado propriamente na atividade docente de maneira específica, nas atividades propostas, no ‘como’ as atividades irão acontecer, sua sequência, seu tempo, nos conteúdos alocados e na periodicidade, assim o planejamento de aulas:

é a tomada de decisões referente ao específico da sala de aula: temas, conteúdos, metodologia, recursos didáticos, avaliação. este planejamento vai desde o mais geral: um plano de curso para o ano ou semestre; até o plano por unidades (temáticas ou outras), o plano por semana e o planejamento de cada dia” (MST, 1995, p. 7 *apud* PADILHA, 2012, p. 33).

Em um plano completo, é evidenciado uma sequência hierárquica de planos contidos no meio educacional. É contemplado neste panorama os planos

de grande alcance e aqueles até os micros, isto é, os planos de aulas, como é possível observar na figura abaixo.

Figura 01 - Hierarquia de Planos dentro da Educação (do Macro ao Micro)



Fonte: Autor (2019)

No campo matemático, o planejamento, num sentido de antecipar ações (re) surge como um aparato suficiente para transformar as aulas da educação bancária em momentos de construção do saber. Porém as diversas interferências do cotidiano e o ritmo frenético dos professores impedem uma reflexão sobre as ações metodológicas podendo gerar frustrações nas avaliações. Para tanto sem momentos de estudos e diálogo há a ruptura da cadeia processual que constitui o ensinar, uma vez que “estudar, reinventar a sala de aula, criar, brincar, aprender implica em planejar” (XAVIER, 2011, p. 41).

Dentro do planejamento pedagógico em matemática é relevante que o professor enquanto “mediador do processo de aprendizagem” esteja “organizando seu planejamento de forma dinâmica” (PADILHA, 2012, p. 8), permitindo, de acordo com D’Ambrósio (1996, p. 85), a abertura para que os alunos manifestem seu conhecimento, valorizando seu conhecimento prévio e associando a teoria aos cálculos.

PREENCHIMENTO DE QUADRINHOS: O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO ATUAL SEGUNDO GANDIN E CRUZ

Compreende-se que planejar é uma ação conjunta, construída transpassando as reflexões de um coletivo e significando o processo educacional em qualquer sociedade. Assim,

Uma reflexão implica sempre uma análise crítica do trabalho que realizamos. Se estamos fazendo uma reflexão sobre nosso trabalho, estamos questionando sua validade, o significado que ele tem para nós e para os sujeitos com quem trabalhamos, e para a comunidade da qual fazemos parte e que estamos construindo. (RIOS, 2010, p. 46)

Partindo do supramencionado pensamento, a validade do trabalho é questionada a partir da reflexão sobre este, engendrando um corpo que permite a visualização de todo o processo e possibilita a execução da busca para aprimorá-lo. Por este parâmetro, entende-se que é durante os encontros de elaboração e discussão do planejamento que se constrói as ideias, rever e propõe-se novos objetivos. Destarte, os momentos de reunião para a consecução dos planos são propícios para a (re) criação de estratégias que conduzam ao êxito.

Assim, traçando um percurso histórico, Volpin (2016), remetendo-se ao texto de Fusari, destaca que o planejamento, como é realizado atualmente, surge em um período hostil da democracia, onde os técnicos eram engrandecidos em detrimento do saber dos professores. Desta maneira, eram elaborados formulários diagramados e distribuídos para que fossem registrados os trabalhos docentes. Assim, para a autora, foi favorecida a “mecanicidade e a disseminação da visão tecnicista no planejamento de ensino levando os planos a se tornarem documentos burocráticos, desligados das necessidades da prática social e da realidade da sala de aula”.

Legitimando Fusari e Volpin, Castro (et.al., 2008, p. 52), acentua que o “o regime autoritário fez com que muitos educadores criassem uma resistência com relação à elaboração de planos, uma vez que esses planos eram supervisionados ou elaborados por técnicos que delimitavam o que o professor deveria ensinar, priorizando as necessidades do regime político”. Nesta trajetória, obtém-se a ótica de um desgaste do método, impregnando o processo de ineficiências naturais. Por conseguinte, o modelo de construção dos planos, principalmente, os de aulas (podendo ser chamados de planejamentos bimestrais/mensais), perderam o aforo.

Nota-se, ainda, um descontentamento de diversos setores sociais para com a educação, múltiplas tentativas de alterações, mas sem mudanças no quadro e sublevando a precarização do trabalho docente. Elenca aqui motivos que concatenam para tal fato como desvalorização salarial, condições de trabalhos desfavoráveis, falta de apoio da família no processo educacional, etc. Dentre as possíveis causas, de acordo com Gandin e Cruz (2017), o ponto preponderante da problemática está na “falta de planejamento (conceitos, modelos, técnicas e instrumentos) para levar à prática aquilo que se pensa”.

Para Xavier (2011, p. 10), quando a autora esteve exercendo outras atividades, “existiam resistências ao ato de planejar e que nem sempre o que era decidido pelo docente acabava sendo executado, gerando frustração na hora da avaliação”. A autora destaca o desvio do plano original, isto é, o professor preenche a ficha, no entanto ao ministrar suas aulas há uma desvirtuação. O plano não serve como norte para o alcance dos objetivos propostos. Outrossim, Gandin e Cruz (2017, p. 8), enfatizam que os professores “ao buscarem ferramentas de planejamento adequadas, só encontram propostas inteiramente ineficazes, quase ridículas”, criando-se “um abismo entre o que se pretende e o que se faz”.

Xavier (2011), relata na sua dissertação de mestrado, que ao assumir diversos cargos no meio educacional propôs-se inicialmente a buscar meios para apresentar aos professores a fim de que mudassem sua prática, a autora relata que “realiz[ou] inúmeras leituras, participei de seminários, de cursos de planejamento, trazia novas referências para os professores, porém não verificava as transformações significativas”. Nisto, procurou investigar, como escopo do seu trabalho científico, qual a significação dos professores em relação ao planejamento.

Impõe-se que as deliberações acerca do planejamento corroboram para a existência de ações mecânicas e nada reflexivas que consistem em transposição de instruções para o papel. Gandin e Cruz (2017, p. 11), completam Xavier, ao relatar que “os professores foram levados a preencher quadrinhos e a chamar isto de planejamento. Como não funcionam, o planejamento perdeu o sentido na escola”. Vasconcellos (2000, p. 30), enfatiza que “planejar passou a

significar preencher formulários com objetivos educacionais gerais, objetivo instrucionais operacionalizados, conteúdos programáticos, estratégias de ensino, avaliação de acordo com os objetivos”. No quadro 01 abaixo, é possível visualizar modelo de planejamento atual. contendo poucas variações em relação aos existentes nas escolas.

Quadro 01 – Ficha para construção de planejamento

Conteúdos	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação	Fontes Bibl.

FONTE: Autor (2019)

Com isso o plano passou a ser apenas:

“uma lista de possibilidades e não um plano para ser implantado: diz sempre que poderia se feito e não o que de fato vai fazer; o tal ‘plano’ ficou como o de um agricultor que escrevesse: ‘plantarei milho, trigo, arroz, feijão e outros vegetais; utilizarei, para isto, enxada, trator, adubo, curvas de nível e outras coisas que forem necessárias; ficarei contente se a colheita for boa’; por isso, ‘os melhores planos’ eram os que mais se pareciam com livro didático” (GANDIN E CRUZ, 2017, p. 13).

Um segundo ponto crítico salientado pelos autores é a não preocupação em seguir os planos, que se transformaria em um programa de conteúdos que atendia mais a burocracia. Coloca-se também no escopo da discussão a transmissão de conteúdos pré-estabelecidos, desta forma:

A questão central do planejamento de sala de aula não pode ser a de saber como se ai passar um conteúdo pré-estabelecido. Ela deve envolver ideias mais amplas e mais profundas, como a debater sobre que conhecimentos, que valores e que habilidades seria útil trabalhar com uma criança e com um adolescente em seu tempo de escola (GANDIN; CRUZ, 2017, p. 15).

Depreende até aqui que existe um protocolo padrão de planejamento, resumido à transliteração do conteúdo do livro para as fichas, engendrando de objetivos, definindo estratégias e avaliação. Xavier (2011, p. 42), comenta:

“[...] que muitas vezes é questionado pelos docentes é a formatação do planejar, por ser muito burocrático, procrastinando a ação. o que é para ser um momento de interação, criatividade, autonomia, ousadia de construção de novos caminhos no ambiente escolar, se constitui - muitas vezes - num momento de aborrecimento”.

Discorre que o modelo vigente de planejamento pedagógico, segundo os autores carecem de (re) configurações a fim de:

“[...] responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora com força estabilizadora, ora com fator de mudança. [...] De qualquer modo, para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação a organicidade com a contextura da sociedade que se aplica. (FREIRE, 2001, p. 10)”

Para tanto, Gandin e Cruz propõe em seu livro “Planejamento na Sala de Aula” um modelo de plano de aula que não será tema discussão deste trabalho, baseado em marco referencial, diagnóstico e programação, como mostra a figura abaixo.

Figura 02 – Diagrama mostrando proposta de planejamento



Fonte: Gandin; Cruz (2017)

OS CAMINHOS DA PESQUISA

O presente artigo apoia-se primordialmente em três pilares: a) aplicação de questionários abertos; b) entrevista com coordenadores escolares; e c) investigação bibliográfica, a fim de construir a base teórica por meio das contribuições de vários autores a respeito do tema exposto. Portanto, a pesquisa é de cunho qualitativo, na qual Prodarov (2013, p. 70), “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Inicialmente foram aplicados questionários abertos para os professores de matemática das duas escolas pesquisadas, sendo “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito” (Marconi & Lakatos, 1999, p. 100). Tais questionários foram obtidos através do trabalho de dissertação da professora de mestrado Nina Rosa Ventimiglia Xavier¹. Por sua vez as entrevistas semiestruturadas, que Bogdan (1999, p. 135) expressa como “a certeza de se obter dados comparáveis entre

os vários sujeitos”, foi realizada com um coordenador de matemática da rede municipal de educação responsável pelas turmas de 6º ao 9º ano.

Acresce ainda a observação durante a reunião de planejamento, que permitiu a construção sólida de conceitos aplicáveis no âmbito da pesquisa. A revisão bibliográfica buscou delimitar os principais autores nacionais que abordassem o tema do planejamento escolar, principalmente aquele voltado para a matemática. Assim constituiu-se um corpo sólido para o problema proposto, capaz de permitir a continuação do curso da pesquisa, embasando-a.

O PLANEJAMENTO EM PAUTA: A LOGÍSTICA DE CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II

O planejamento segue um ritual, tornou-se um nome para o momento em que são discutidos problemas escolares e que, por muitas vezes, sobressaem à questão do dia: planejar as ações para o próximo período.

Observa-se que existem dois momentos básicos nas reuniões de planejamento. O primeiro foca-se na discussão de problemas comuns da escola, mas iniciado com atividades lúdicas. Dirigido pela diretora, esta enfoca as metas para o ano e expõe problemas para solução coletiva. Neste momento são apresentados também projetos que serão realizados na escola durante o período letivo restante. Concatenando com a sua função primordial é finalizado a primeira parte com as diretrizes gerais para elaboração dos planos.

No segundo momento, há a segmentação dos grupos divididos por área do conhecimento e/ou unidade temática. Tomando por recorte o grupo de matemática, composto por professores e coordenadores, estes se reúnem em espaço próprio. O planejamento inicia-se com uma breve reflexão sobre o período anterior, onde são elencadas, principalmente as dificuldades enfrentadas. Embora haja um ritual, o primeiro planejamento do ciclo faz-se necessário a construção do plano de curso, que é a sequência de conteúdos para o ano letivo, nele são dispostos conteúdos e habilidades somente (como mostra a figura abaixo).

Quadro 02 – Plano de Curso

PLANO DE CURSO / MATEMÁTICA / ANO LETIVO 2019	
(EF09MA01) Reconhecer que, uma vez fixada uma unidade de comprimento, existem segmentos de reta cujo comprimento não é expresso por número racional (como as medidas de diagonais de um polígono e alturas de um triângulo, quando se toma a medida de cada lado como unidade).	Conjuntos Numéricos: Reais
(EF09MA02) Reconhecer um número irracional como um número real cuja representação decimal é infinita e não periódica, e estimar a localização de alguns deles na reta numérica.	
(EF09MA03) Efetuar cálculos com números reais, inclusive potências com expoentes fracionários.	Potenciação e Radiciação (cap. 01)
(EF09MA04) Resolver e elaborar problemas com números reais, inclusive em notação científica, envolvendo diferentes operações.	
(EF09MA06) Compreender as funções como relações de dependência unívoca entre duas variáveis e suas representações numérica, algébrica e gráfica e utilizar esse conceito para analisar situações que envolvam relações funcionais entre duas variáveis.	Funções do 1º e 2º grau (cap. 05 e 06)

Fonte: Autor (2019)

A construção do planejamento ocorre de acordo com o prescrito na BNCC, toda a carga de conteúdos e habilidades são retiradas da base e alocadas na ficha, por sua vez há discussão se aquela sequência de conteúdos é coerente e se há necessidade de inserção de novos tópicos. Observa-se ainda uma diferenciação dos planejamentos, na qual eram baseados na sequência do livro didático, acrescenta ainda que cada professor definia a sequência, mesmo professores ministrando aulas em um mesmo ano/série.

Anterior ao preenchimento das fichas, o coordenador avalia e discute com os professores o acréscimo, alteração ou remoção de algum item. Há também, motivada pelo coordenador, a inserção de atividades diferenciadas como o uso de jogos, materiais concretos, apresentações eletrônicas, entre outros a fim proporcionar a previsão de aulas mais construtivas. Numa visão dialógica, isto é, “procuramos dar um novo sentido à atividade de planejar [...]” (PADILHA, 2007, p. 25), é construído o plano que norteará a ação docente (como mostra a figura abaixo).

Quadro 03 – Planejamento bimestral

PLANEJAMENTO DE MATEMÁTICA / FEV – MAR – ABR / ANO LETIVO 2019				
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	METODOLOGIAS	REC. DIDÁTICOS	AValiação
(EF09MA01) Reconhecer que, uma vez fixada uma unidade de comprimento, existem segmentos de reta cujo comprimento não é expresso por número racional (como as medidas de diagonais de um polígono e alturas de um triângulo, quando se toma a medida de cada lado como unidade). (EF09MA02) Reconhecer um número irracional como um número real cuja representação decimal é infinita e não periódica, e estimar a localização de alguns deles na reta numérica. (EF09MA03) Efetuar cálculos com números reais, inclusive potências com expoentes fracionários. (EF09MA04) Resolver e elaborar problemas com números reais inclusive em notação científica	Diagnóstico de aprendizagem do 8º ano Associação dos conjuntos numéricos Números Reais Potenciação e Radiciação Função polinomial do 1º grau ou Afim	Exposição oral de conteúdos; Análise de esquemas ilustrativos ou diagramas; Leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais; Utilização de calculadora; Construção de gráficos;	Calculadora; Cálculo mental; Diferentes gêneros textuais; Esquemas ilustrativos ou diagramas; Gráficos; Quadro acrílico; Pincel; Livro didático; Lista de exercícios;	Prova escrita não pesquisada e individual Trabalhos em grupo Participação diária em sala de aula

Fonte: Autor (2019)

A execução do planejamento acontece num período de dois meses, sendo monitorado pelo coordenador pedagógico por meio do acompanhamento da ficha de registro de presenças e aula. As verificações permitem ao envolvidos no processo constatar a velocidade da aplicação dos conteúdos. O desempenho do “educando mostra que, de uma visão sincrética que o mesmo trouxe em relação ao conteúdo, agora ele pode concluir com uma síntese, no seu novo nível de aprendizagem (momento da avaliação que traduz o crescimento do aluno)” GASPAS (2016).

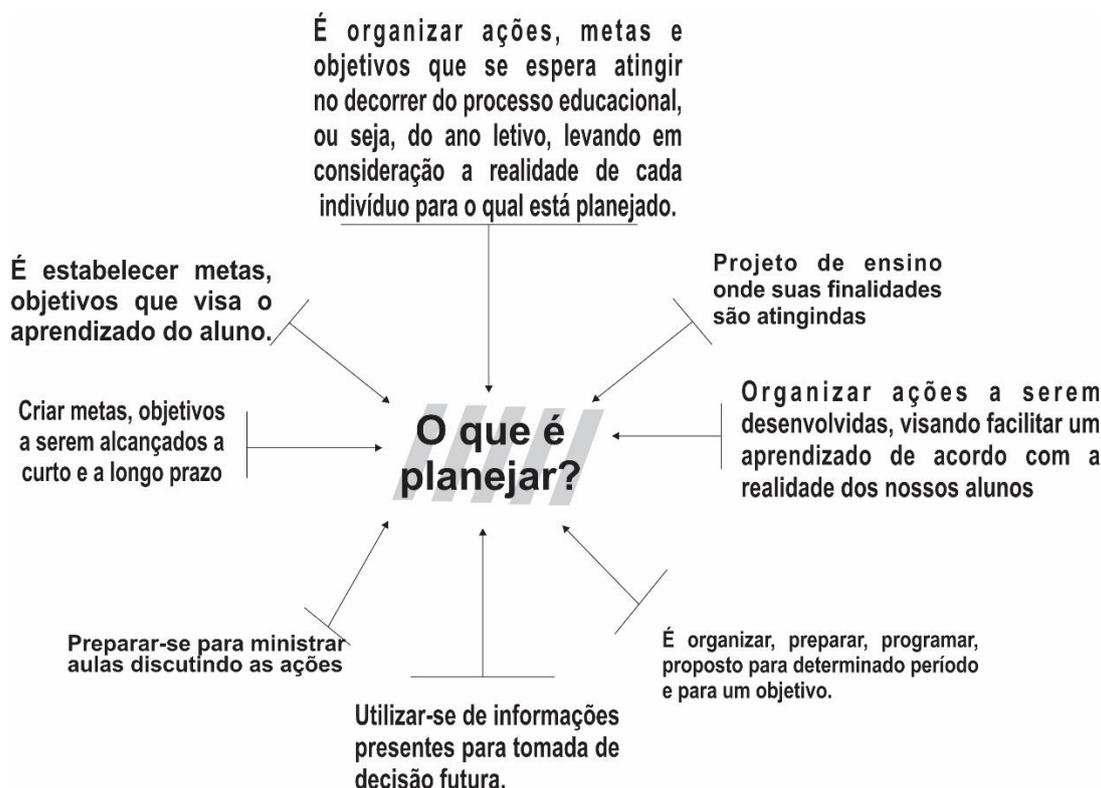
Delimita-se que o planejamento abraça um período longo e nesse intervalo não existem planos de aulas. Os professores pensam de forma geral o planejamento, mas a prática é inserida através de registros mentais e as ações executadas não acontecem sob a égide de um plano micro.

A SIGNIFICAÇÃO DO PLANEJAMENTO SEGUNDO OS PROFESSORES

Significar é atribuir sentido a partir de vivências, nisto a conceituação de termos usuais acontece no campos das ideias que “são o objeto do entendimento humano e, portanto, extraídas da experiência –sensação e reflexão” (COSTA, 2014). A mesma autora evidencia que “‘significado’, [é] entendido inicialmente como uma expressão que vincula mensagens, não descreve todas as propriedades que comumente reconhecemos como pertencentes ao significado, a saber, caráter público, analiticidade, referência, etc”.

Ao perpassar o planejamento pedagógico, investigando os professores, delimita-se ideias semelhantes notabilizado por palavras como “objetivos”, “metas” e “organizar”. Tal discurso evidencia os componentes presentes na ficha na qual são organizados conteúdos e objetivos.

Figura 03 – Definição de Planejamento



Fonte: Autor (2019)

A figura 03 acima reúne um compêndio de respostas dos professores, com citações semelhantes que compactuam com suas experiências na área da docência. Tece ainda que o planejamento ao ser compreendido como plano “à curto e a longo prazo”, “decisão futura”, “visa[ando] o aprendizado do aluno” e “consideração a realidade de cada aluno” é enxergado como temporal, social e geográfico. Por considerar relevante os professores subscrevem a ideia de antecipação intimamente ligada ao planejamento corroborando com o pensamento de Vasconcellos (1995, p. 35), ao afirmar que “planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”.

O segundo questionamento buscou encontrar os elementos que compõem um planejamento. Neste âmbito, observou-se uma dupla interpretação do problema, o professor 03 (Coord.) identificou:

“Metas, estratégias, previsão e objetivos”

Assim percebe-se que associava as fichas unidirecionalmente ao plano. Por sua vez o professor 01 citou a relevância de um conhecimento prévio do aluno, isto é, uma reflexão sendo o aluno enquanto ponto referencial para um plano:

“Devem ser levados em consideração o ambiente social dos alunos e os conhecimentos prévios dos mesmos.”

Quanto ao significado do planejar observou-se os diversos entendimentos, nisto foi possível considerar, atrelado as perguntas anteriores como os professores se apropriavam do conceito em questão.

Professor 1: *Significa seguir um plano estratégico para um melhor desenvolvimento das atividades propostas, planejando-se o hoje focando-se no futuro.*

Professor 2: *criar, preparar uma ação previamente para alcançar um objetivo.*

Professor 3 (Coord.): *traçar metas para almejar um determinado objetivo de maneira eficiente*

Professor 4: *preparar-se para ocasiões futuras com aumento de possibilidade de acertos.*

Professor 5: *organizar um plano ou roteiro daquela que almeja alcançar num determinado período a curto ou longo prazo tendo como foco os objetivos traçados no plano.*

Professor 6: *serve de norte, evita improvisos, buscar resultados satisfatórios.*

O recorte das respostas dos seis professores direciona-se para a profundidade da significância atribuída. Outro ponto é que a definição dita perpassa pelo significado, assim os termos técnicos utilizados embevecem-se ainda da compreensão que o professor possui no contexto. O plano é internalizado como direção e preparação para que as situações advindas possam ser confrontadas de forma racional excluindo o improvisado. É ponderado que o planejamento é absorvido como instrumento ou ferramenta para que o processo de ensino aconteça mediado por meio de uma direção preestabelecida.

Quanto aos conceitos, insere que a maioria dos professores buscaram evidenciar os verbetes usuais do cotidiano escolar. Todavia, a resposta do professor 01, torna-se relevante, uma vez que apresenta traços subjetivos:

Os conceitos são baseados no que realmente desejamos despertar nos educandos para um melhor processo educacional

É colocado o planejamento não como uma ferramenta que engessa, mas moldável, (re) estruturante da realidade em que está imerso. O uso do verbo “desejar” na 1^o pessoa e a continuação da frase denota a ideia do professor consciente, sabendo onde se encontra no processo. Por sua vez, ao usar a palavra “conceito”, dirige ainda para uma linguagem conotativa que busca abarcar todos os itens necessários para a consecução da proposta. É deferido que há uma preocupação na construção da aula e no que se deseja despertar nos estudantes, assim os conceitos devem convergir para este fim.

No que tange ao cumprimento do planejamento, quanto interrogado se é possível segui-lo, há a convergência que os planos estão interligados aos fatores externos. Nisto, adentra-se ainda mais na questão proporcionando uma visão ampla e, ao ser desnudada, as respostas remetem a dois pensamentos, estes descritos abaixo:

Professor 02: Nem sempre, pois podem acontecer eventos alheios ao planejado e que podem comprometer o mesmo.

Professor 03 (Coord.): Sim. Embora tenham situações emergenciais, há uma necessidade seguir o que foi planejado, para que o objetivo seja alcançado

As duas reflexões reproduzidas acima são de um coordenador e de um docente, desta forma científica que as visões sob a possibilidade de seguir o planejamento divergem. Para o professor existe probabilidade de não seguir o plano, todavia para o coordenador este precisa ser cumprido, mesmo diante situações adversas, partindo do pressuposto que existem objetivos a serem alcançados. Portanto, o pensamento gerencial, que permeia o cargo de coordenação, coexiste com as regras vigentes do sistema educacional ao tempo que é criada uma nova concepção, baseada na necessidade de cumprir as exigências prescritas nos relatórios a serem elaborados.

Reserva-se um espaço para descrever as ações necessárias para os entraves na execução do planejamento. A síntese das respostas foi alocada pelo professor 02, argumentando que é necessário:

“um novo planejamento ou fazer uma adequação no mesmo”

Assim, diante os imprevistos, um novo planejamento seria realizado ou utilizado o atual que consumaria num replanejamento. Interroga-se aqui o significaria o planejamento: um conjunto de expressões ordenadas usuais, um momento de conversação, o preenchimento de quadros ou a consumação de reflexões sobre as ações necessárias para alcance dos objetivos do processo educacional?

Decorrente das interrogações, acresce que o resultado da ação de planejar origina um instrumento para direcionar o professor, uma vez que:

ela serve para organizar atividades pedagógicas, elaborar estratégias que complementem os materiais didáticos. Caso isso não ocorra, este produto (plano de ensino, plano de aula) se desvincula da sua função e serve apenas para cumprir uma finalidade burocrática (VOLPIN, 2016, p. 32).

Ademais, as questões, ora abordadas, suscitaram a exteriorização do significado de planejamento e como aplicam no seu dia a dia. Os docentes construíram conceitos utilizando-se dos meios usuais a fim de agregar a teoria e o real, numa mescla que contorna traços técnicos ao subjetivismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação com caráter qualitativa, utilizando-se de questionário aberto e pesquisa bibliográfica realizada no ambiente escolar de um município da região norte do Piauí, buscou constatar a criação, implementação e significação do planejamento para os professores de ensino fundamental II.

Destarte, enquanto instrumento estratégico, o planejamento permite o direcionamento de ações, que outrora foram previstas, e o alcance de objetivos, verificado por meio de avaliação. No cerne educacional, corroborando com o conceito usado na administração, os planos são instrumentos eficazes para que objetivos e metas sejam alcançados. Logo, para Gomes (2011, p. 04), “o

planejamento é a base sólida do sucesso das ações tanto intra como extra sala de aula”. Discorre-se ainda que a sua construção deve ser conjunta, envolvendo pessoas e/ou grupos que conduzam ao mínimo de erros possíveis na antecipação de situações.

A cristalização do planejamento acontece durante a aula de acordo com os professores, que é um “lugar privilegiado da vida pedagógica, refere-se às dimensões do processo didático – ensinar, aprender, pesquisar e avaliar – preparado e organizado pelo professor e seus alunos” (VEIGA, 2008, p. 267). Schewtschik (2017, p. 10662), completa Veiga ao afirmar que:

“uma boa aula é aquela que é muito bem planejada, que em objetivos claros e precisos e uma avaliação que revele a aprendizagem pretendida naquele exato momento. Se assim se caracteriza uma boa aula, podemos conjecturar que o planejamento do professor se tornará um instrumento de garantia de aprendizagem dos alunos na medida em que revelar uma relação entre objetivo de aula e avaliação da aprendizagem correspondente, considerando atividades que levem o aluno a desenvolver habilidades pretendidas naquela aula.”

Destarte, antecedendo o momento de execução das aulas, durante as reuniões de planejamento foi percebido o uso comum dos quadros para a construção do planejamento, uma espécie de algoritmo usual. Nestes eram alocados os conteúdos, as habilidades, metodologias, instrumentos necessários e avaliação, utilizando de termos comuns aos demais planejamentos. Ao final do preenchimento dos quadros é discutido, principalmente a metodologia e avaliação junto aos coordenadores enquanto processos relevantes para a boa execução do plano. Nisto, “o ato de planejar, organizar as ações docentes e discentes, exige o domínio de conhecimentos sobre os níveis que compõem o processo de planejamento” (ZANON e ALTHAUS, 2010, p.29). Apesar dos passos seguidos, é indissociável a existência de um ritual, logo tornou-se um nome para o momento que são discutidos problemas escolares diversos e que, por muitas vezes, sobressaem à questão do dia, planejar as ações para o próximo período.

No que tange a significação, percebe-se ainda o uso corrente de termos habituais que denotam a construção do planejamento. Os professores destacam palavras como *metas* e *objetivos* num horizonte de antecipar as ações por meio de reflexão conjunta que viabilizará a implementação e êxito do plano, todavia associa-se ainda tal fato de ambos os termos pertencerem às fichas recebidas, isto é, são utilizados bimestralmente para a elaboração das estratégias pedagógicas. Logo, tais sentidos coexistem com a sua prática, uma vez que as ações de engendramento dos planos acontecem em intervalos curtos seguindo uma mesma sequência.

Dentre as questões abordadas, a segunda, que investigava os elementos pertencentes ao planejamento e a terceira, onde se buscava o significado de planejamento, retomou ao debate pontos importantes. Assim, ao pensar no planejamento, deve-se partir de um marco inicial, ou melhor, deve ser dividido em etapas, sendo a primeira um levantamento do contexto social do aluno e a sua carga de conteúdos acumulados. Completando o pensamento corrente, foi inserido que *metas*, *estratégias*, *previsão* e *objetivos* são elementos relevantes. Confronta-se aqui as ideias apresentadas, uma vez que não partilham na

realidade descrita, logo não existem dentro do ritual no discurso aferido. Por sua vez, a significância atribuída, centraliza-se no discurso estratégico de preparação para enfrentar as situações, muitas vezes adversas, que interseccionam o processo de ensino. Buscando a essência das respostas através de um ponto comum, é colocado que os professores atrelam ao plano pedagógico a função de ferramenta eficaz que permite o desenlace feliz do processo, sempre destacando o fato de preparar-se para a consumação de objetivos evitando improvisos.

Dando continuidade, o próximo questionamento colocava em xeque as imprevisibilidades do ato de ensinar, buscava compreender quais as ações diante circunstâncias novas, que avultam qualquer planejamento. Assume-se, pela maioria dos professores, que existem dificuldades para o cumprimento total do plano, contrapondo tal ideia, quando interrogado o professor coordenador, o discurso muda, respeitando o fato de haver situações complexas, mas que se deve replanejar respeitando os objetivos primários.

Por fim, o presente trabalho buscou nutrir os confrontos necessários dentro do campo educacional, centrando na questão do planejamento estratégico e tornando-o peça fundamental nos alicerces para a consecução de um ensino de qualidade. Ainda, dentro da investigação, foi cristalizado a visão dos professores em relação aos planos, com enfoque no que significa o planejamento em todas as suas dimensões.

Os confrontos, ora mencionados, serviram para destacar a necessidade de enxergar o processo educacional, no ambiente das unidades de ensino, como ações que carecem de reflexões profundas e constantes, evitando, principalmente, que o momento de construção das aulas não se resuma ao preenchimento de quadrinhos articulados e abstratos, sem sentido para os professores. Encerra-se tal questão, indicando a pesquisa aos mais diversos profissionais imersos no campo de ensino e para graduandos que almejam conhecer o funcionamento dos processos escolares.

REFERENCIAS

ALMEIDA, L.R. **O coordenador pedagógico e a questão do cuidar**. In: Almeida, L.R e Placco, V.M. (org.) *O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade*. São Paulo: Loyola, 2006

D'AMBROSIO, U. *Educação Matemática da teoria à prática*. 20ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa de partilha: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

CASTRO, Patrícia A. P. P. de.; TUCUNDUVA, Cristiane C.; ARNS, Elaine M. **A importância do Planejamento das aulas para organização do trabalho do Professor em sua Prática Docente**. ATHENA – Revista Científica de Educação, v. 10, n.10, p. 49-62 jan./jun. 2008. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 1994

GASPAR, M. L. F. **Processo De Avaliação Da Aprendizagem Escolar Na Prática Pedagógica**. / Magna Lúcia Furlanetto Gaspar; orientadora: Ana Rita LEVANDOVSKI. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1770-6.pdf>>. Acesso em: 22 ma. 2019

GOMES, É.M.F. **A importância do planejamento para o sucesso escolar**. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica. Porto Nacional, 2011

HAYDT, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, D. A. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos**. 7ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001

COSTA, P. H. **Existência e Arte**. Revista Eletrônica do Grupo PET –Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei –ANO X – Número IX –janeiro a dezembro de 2014

PRODANOV, C. C. **Método do Trabalho Científico: métodos e técnicas do pesquisa do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: FEEVALE, 2013.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHEWTSCHIK, A. **O planejamento de aula: um instrumento de garantia de aprendizagem**. disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26724_13673.pdf>. Acesso em: 23/05/2019

SEGUNDO, T. **Afetividade no processo ensino-aprendizagem: A atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem**. Tese. São Paulo: PUC, 2007.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, I. P. A. **Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata.** In: VEIGA, I. P. A (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papyrus, 2008

VOLPIN, G. B. C. **O Significado e o Sentido do Planejamento no trabalho do professor: uma análise crítica a partir da teoria da atividade de A.N. Leontiev** / Gizeli Beatriz Camilo Volpin – 2016 151 f.

XAVIER, N. R. V. **Planejamento e transformação: um estudo sobre o pensar docente** / Nina Rosa Ventimiglia Xavier; orientadora: Darli Collares. - Porto Alegre, 2011.

ZANON, D.P.; ATHAUS, M.T.M. **Didática II.** Ponta Grossa: UEPG/NUEAD, 2010

